



O ensino de projeto arquitetônico na perspectiva da Revista Projeto: 1989-2011

*The architectural design education in the perspective of the Projeto magazine:
1989-2011*

*La educación del diseño arquitectónico en la perspectiva de la magazine
Projeto: 1989-2011*

ROCHA, Beatriz Araujo da

Mestranda, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, beatrizrocha@yahoo.com

MONTEIRO, Ana Maria Reis de Goes Monteiro

Professora Doutora, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, anagoes@fec.unicamp.br

RESUMO

Periódicos são importantes veículos de divulgação da arquitetura, e também podem ser meios bastante promissores de pesquisas. Sob esse olhar, objetivou-se resgatar e analisar as discussões sobre ensino de arquitetura à luz dos problemas e propostas referentes ao Trabalho Final de Graduação (TFG), presentes na revista Projeto entre os anos de 1989 e 2011. Nesse contexto, pretendeu-se responder questões como: Quais foram os problemas e propostas daquela época? Quais discussões permaneceram? Quais eram as opiniões dos arquitetos? O que houve de criativo e inovador? Definida como uma pesquisa documental, a escolha do ano de 1989 ocorreu devido à publicação do resultado do primeiro concurso para TFGs Opera Prima, que colocou em evidência o valor desse tipo de trabalho. Entre os anos de 1987 e 1995, a revista publicou diversos textos de arquitetos, mas após 1995 constatou-se a ausência de discussões/artigos sobre o ensino no periódico, levando-nos a questionar se nada mais foi feito após a implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais em 1994. A expansão do ensino superior, os trabalhos de graduação, os exames de proficiência, o Opera Prima e a repetição de modelos de obras monumentais foram as temáticas mais presentes e que permaneceram nas discussões atuais. O resgate das ideias presentes nos textos levantados vislumbra caminhos para o futuro, apresentando avanços, retrocessos e, principalmente, a partir disso caminham para a obtenção de um ensino de excelência.

PALAVRAS-CHAVE: ensino de arquitetura, trabalho final de graduação, revista Projeto.

ABSTRACT

Periodicals are important architectural vehicles of disclosure, and can also be promising ways of research. Thinking like this, aimed to recover and analyze discussions of architectural education in the middle of the problems and proposals for the final graduation work, in the design magazine "Projeto" between 1989 and 2011. In this context, they would like to answer questions such as: What were the problems and proposals of that time? What kind of discussions remained? What were the opinions of the architects? What was creative and innovative? Defined as a documentary research, the choice of 1989 was due to the publication of the results of the first competition for final graduation works "Opera Prima", which has highlighted this kind of work. Between 1987 and 1995, the magazine published several texts of architects, but after 1995 it was no more discussions/articles about education in the magazine, letting us asking ourselves if anything else was done after the implementation of the Curriculum National Guidelines in 1994. The expansion of Universities education,



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

undergraduate studies, proficiency exams, the "Opera Prima" and the repetition of monumental models, were the most present issues and who remained the current discussions. The rescue of these ideas in the texts shows answers to the future, with the improvement and throwbacks, especially from that point, improving to reach excellence in acquisitions.

KEY-WORDS: *architectural education, final graduation work, Projeto magazine.*

RESUMEN

Periódicos son importantes vehículos de divulgación de la arquitectura y también pueden ser medios bastante promisoros de búsqueda. Por esto, obtínesse rescatar y analizar las discusiones sobre la enseñanza de arquitectura a la luz de los problemas y propuestas referentes al trabajo final de graduación presentes en la magazine "Projeto" entre los años de 1989 y 2011. En este contexto, pretendiese responder cuestiones como: ¿Cuáles fueran los problemas y propuestas de la época? ¿Cuáles discusiones quedaron? ¿Cuáles eran las opiniones de los arquitectos? ¿O que tuvo de creativo e innovador? Definida como una pesquisa documental, la elección del año de 1989 ocurrió debido a la publicación del resultado del primero concurso para trabajos finales de graduación "Opera Prima", que puso en evidencia el valor dese tipo de trabajo. Entre los años de 1987 y 1995, la magazine publicó diversos textos de arquitectos, pero después del año 1995 confirmo se la ausencia de discusiones/artículo sobre la enseñanza en el periódico, llevando nos a cuestionar se nada mas fue hecho después del la implementación del las Directrices Curriculares Nacionales en 1994. La expansión del la enseñanza superior, los trabajos de graduación, los exámenes de competencia, el "Opera Prima" y la repetición de los modelos de obras monumentales, fueran las temáticas más presentes y que permanecieron en las discusiones actuales. El rescate de las ideas presentes en los textos levantadas vislumbra caminos para el futuro, mostrando avances, retrocesos y, principalmente, desde así caminan para la obtención de una enseñanza de excelencia.

PALABRAS-CLAVE: *enseñanza de la arquitectura, trabajo final de graduación, magazine Projeto.*

1 INTRODUÇÃO

Os periódicos, especificamente na área de arquitetura e urbanismo, são importantes veículos de divulgação da arquitetura e também meios promissores de pesquisas acerca das discussões ocorridas em cada época. Periódicos apresentam o olhar daqueles que viveram o momento, demonstrando assim uma visão única na qual podemos nos debruçar e melhor compreender ideias passadas, e até mesmo encontrar previsões que vieram ou não a se concretizar. Como observa Caron (mai. 1987, PROJETO n. 99, p. 98), "a cada período histórico, ou seja, a cada conjuntura sócio-político-econômica, corresponde uma formulação de ensino em geral, incluindo o de arquitetura no particular".

Arcipreste (2012, p. 19-20) avalia que a área da arquitetura e urbanismo insere-se num contexto de expressivas mudanças, poucos consensos e muitas incertezas, com seu ofício "marcado por permanente mutabilidade, instabilidade, heterogeneidade, em meio às constantes inovações informacionais que propiciam e impõem novos modos e processos de trabalho". Questionou-se então, se a chave para o entendimento de tais mudanças e incertezas não estaria justamente na compreensão de problemáticas passadas e ao mesmo tempo tão ainda presentes e discutidas.

A revista Projeto, atual projeto Design, teve sua 1ª edição publicada em 1977, a partir do jornal Arquiteto. Somente em 1979, foi que esta passou a seguir uma "carreira-solo", sob o discurso do editor Vicente Wissenbach de transformá-la na revista brasileira de arquitetura que os arquitetos reclamavam a tempos (MELENDEZ, 2003). De acordo com Lara (2003), foi nos anos de 1980 que a revista firmou-se como principal revista brasileira de arquitetura, acompanhando as transformações no Brasil e dos arquitetos. A revista foi também um importante veículo das discussões do ensino de arquitetura e urbanismo no país, sendo um dos responsáveis pelo concurso para formandos Opera Prima nos anos de 1989 a 1995 e 2003 até os dias atuais.

Dessa maneira, objetivou-se resgatar e analisar algumas das discussões sobre ensino de arquitetura à luz dos problemas e propostas referentes ao Trabalho Final de Graduação (TFG), presentes na revista Projeto entre os anos de 1989 e 2011. Nesse contexto pretendeu-se responder questões como: Quais foram os problemas constatados naquela época? Quais eram as ideias e propostas? Quais discussões permaneceram nos dias atuais? Quais as opiniões dos arquitetos que vivenciaram aquele tempo? O que houve de criativo e inovador que teve sua gênese nas discussões presentes nesse periódico?

Definida como uma pesquisa de caráter documental, realizou-se um levantamento das revistas Projeto entre 1986 e 2011. A escolha do ano de 1989 ocorreu devido à publicação do resultado do primeiro concurso para TFGs Opera Prima, colocando em evidência o valor desse tipo de trabalho e dando continuidade a uma das principais discussões do período. Entretanto, também abordou-se algumas publicações anteriores para melhor compreender o contexto em que o TFG e o Opera Prima estavam imersos. O estudo delimitou-se até o ano de 2011 em função de neste ano haver finalizado uma etapa deste concurso, reativado apenas em 2013 com bases distintas das anteriores.

Entre os anos de 1987 e 1995, a revista publicou diversas notas, entrevistas e textos que versavam sobre a história do ensino de arquitetura, críticas e sugestões, a expansão do ensino privado no Brasil, a importância do TFG e do Opera Prima, os currículos dos cursos, os exames de proficiência, bem como boletins da Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo (ABEA) com questões do ensino e propostas de melhoria. No mesmo período, em 1991, iniciaram-se as publicações dos Cadernos ABEA, "como parte das ações de fomento a discussão sobre a avaliação da educação do arquiteto e urbanista no país" (ABEA, 2015).

As discussões sobre os problemas da formação eram de diversas ordens. A ABEA discutiu diversas temáticas no V Congresso Nacional da ABEA (CONABEA) e no X Encontro Nacional sobre Ensino de Arquitetura e Urbanismo (ENSEA), e posteriormente, em 1992, no Seminário Nacional de Critérios

para a Avaliação da Educação do Arquiteto e Urbanista. Tal Seminário já havia sido anunciado pela revista, publicando que os trabalhos de graduação seriam discutidos no evento e colocados como uma alternativa de dispensa aos exames de proficiência (PROJETO n. 155, ago. 1992, p. 80).

Em 1994, foram publicados entrevistas e textos de arquitetos tecendo críticas, listando importantes ferramentas e problemas do ensino de arquitetura, como a crescente e facilitada abertura de novos cursos, o papel da ABEA, a mídia como veículo influenciador de projetos e a importância do acervo do Opera Prima, bem como do próprio TFG. Após 1995, observou-se a ausência de publicações sobre o ensino no periódico, levando-nos a questionar se nada mais foi feito após a implementação das Diretrizes Curriculares em 1994 ou se o que se considera como ensino de qualidade foi alcançado.

Nesse contexto, destacou-se a Reforma Universitária de 1969, implantada através do acordo Ministério da Educação/United States Agency for International Development (MEC/USAID), a qual expandiu as vagas nos cursos com mínimo custo. Segundo Gutierrez (2013, p. 23), a estruturação dessa Reforma causou um desarranjo das faculdades, pois não houve nenhuma preparação referente à qualificação dos docentes ou às instalações e equipamentos para o ingresso no aumento de estudantes, principalmente na rede privada. Dessa maneira, o crescimento na quantidade de cursos privados ficou cada vez mais evidente não somente na década de 1990 como também nos anos 2000, indagando assim ainda mais o porquê do "silêncio" da revista no que tangenciou essa realidade.

2 O ENSINO DE ARQUITETURA EM EVIDÊNCIA NA REVISTA PROJETO

O trabalho de graduação

Anteriormente ao primeiro concurso Opera Prima em 1989 e à implementação do TFG como obrigatoriedade em 1994, o trabalho de graduação já era tema frequente nas matérias da revista Projeto. Em 1987, Pereira (mai. 1987, PROJETO n. 99, p. 128), na época professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP), apresentou resumidamente o histórico e a luta pela qualificação do ensino de arquitetura nos anos de 1950. História esta marcada pelos muitos eventos que debateram o ensino, pela luta por uma nova legislação profissional, por propostas e reformas, e por contribuições da Universidade de Brasília (UnB), da FAU/USP e da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FAU/UFRGS). De acordo com o arquiteto, na FAU/UFRGS o trabalho-tese já era uma experiência consagrada, tendo suas origens em 1957 sob a denominação de Trabalho de Diplomação. Esse trabalho foi definido pelo arquiteto através do Currículo da FAU/UFRGS, já sob a denominação de trabalho-tese em 1962:

A adoção do trabalho-tese parecia-nos dispensar maiores explicações, pois corresponde a uma tendência evidente de nosso sentido e a uma aspiração generalizada. O seu sentido de síntese final e de transição entre universidade e a vida prática é perfeitamente claro para todos nós. Com a grande significação que esse trabalho terá para o aluno, como coroamento de todo o curso, é de se esperar que o nível elevado de responsabilidade em que serão equacionados e estudados os problemas contribua decisivamente para fortalecer no estudante o conceito verdadeiramente universitário de sua profissão, ajudando-o a enfrentar com largos horizontes as exigências frequentemente desconcertantes e, por vezes, mesquinhas da vida profissional (Currículo do Curso de Arquitetura e Urbanismo, UFRGS, 1962) (PEREIRA, mai. 1987, PROJETO n. 99, p. 128).

Na ocasião, Pereira (mai. 1987, PROJETO n. 99, p. 128) concluiu suas colocações sobre o trabalho de graduação destacando a importância em percebê-lo como coroamento dos cursos de arquitetura. Para o autor, o trabalho de graduação surgiu na longa trajetória de um grande esforço de aperfeiçoamento do ensino com inegáveis resultados positivos, mas passados mais de vinte anos de sua implantação, era tempo de revisão e renovação do mesmo. Ainda segundo o arquiteto, a Reforma da USP em 1968, contribuiu para reorientar a prática do trabalho de diplomação nas faculdades. Possivelmente, a fala do arquiteto, remeteu à necessidade de sua implementação obrigatória com diretrizes que melhor o delineasse para todos cursos, e também devido às mudanças que a área do ensino enfrentou nos últimos anos, tais como a implementação do Currículo Mínimo em 1962 e 1969, a Reforma de 1962 na FAU/USP, a Reforma de 1968 e a Reforma Universitária de 1969.

Ao mesmo tempo em que foram publicados esses textos, também foram publicados, nas revistas Projeto, os boletins da ABEA que relatavam o cenário do ensino de arquitetura e demonstravam que os problemas tinham sua raiz além da área, e sim no ensino superior brasileiro. Em um destes, a ABEA (set. 1987, PROJETO n. 103, p. 76-80) listou algumas questões e problemas relativos à conclusão do curso. Nesse item, colocou-se que existiam diferentes modalidades de trabalhos de graduação, sendo necessário apoiar e incentivar sua realização com bancas de docentes e profissionais de fora da instituição, pois tal atitude contribuía para a consciência da comunidade acadêmica e para o critério e rigor das disciplinas. Referente às questões levantadas, o boletim concluiu:

... a CEAU enfatiza sua convicção de que a melhoria do ensino depende menos de currículos, métodos, normas e leis, instalações e equipamentos, do que da criação e fortalecimento, no seio das comunidades acadêmicas, de uma atmosfera de inquietação intelectual capaz de despertar o desejo irrefreável de conquistar o conhecimento já elaborado e de elaborar conhecimentos novos (ABEA, set. 1987, PROJETO n. 103, p. 78).

Pouco tempo depois, um outro boletim da ABEA (nov. 1987, PROJETO n. 105, p. 68) publicou os temas abordados no VIII ENSEA, realizado em outubro de 1987. Em um dos temas colocou-se que na década de 1960 a participação do ensino público diminuiu em vagas oferecidas, contrastando assim com a expansão do ensino privado. De acordo com o boletim, tal situação em conjunto com a atuação do MEC e do Conselho Federal de Ensino sem assegurar condições mínimas no desempenho do ensino particular, gerou condições precárias no ensino, na pesquisa e no exercício de atividades



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

docentes nas escolas privadas. O trabalho de graduação, já chamado trabalho final de graduação pela ABEA, também fez parte de um dos temas, com uma proposta que o caracterizou com o tema de livre escolha pelo aluno e relacionou-o com as atribuições profissionais.

O surgimento do concurso Opera Prima e a expansão do ensino superior

Em 1988, poucos meses antes do surgimento da primeira notícia sobre o Opera Prima, o então presidente da ABEA, Fayet (jun. 1988, PROJETO n. 111, p. 145-146), defendeu a realização de uma pesquisa sobre o mercado e as exigências profissionais para adequar o ensino com a realidade, e também a realização de concursos para incentivar os jovens arquitetos. Sobre a possibilidade da separação entre o diploma e a habilitação para o exercício profissional através dos exames de proficiência, o arquiteto colocou que essa avaliação poderia não ser suficientemente rigorosa e poderia criar uma "indústria do exame".

Já Ficher (set. 1988, PROJETO n. 114, p. 135-140), chamou a atenção para o fato de termos a Escola de Belas Artes de Paris como modelo dominante de ensino, com o aprendizado através de estágios em ateliê de escritórios fora da escola, assistindo palestras na escola e exercitando nos escritórios. Segundo a arquiteta, o avanço dos alunos era medido pelas competições, como por exemplo o Grand Prix de Rome ao final do curso, que fornecia um relativo destaque profissional. Os temas voltavam-se para a administração pública ou classes dominantes, "a vontade de vencer a competição fazia com que os estudantes adotassem soluções consagradas, seguindo a inclinação dos examinadores e evitando grandes pretensões de originalidade". Sob essa ótica, a arquiteta avaliou que grande parte dos projetos estavam limitados à repetição de modelos formais, cada projeto só mantinha um vínculo formal com projetos realizados anteriormente, impedindo a confirmação do acerto ou a comprovação da impropriedade da escolha realizada. A arquiteta considerava que tal procedimento banalizava o conhecimento em um mero repertório de formas e não possibilitava repetir a experiência para verificar a solução, o que é inerente do fazer científico e do aprendizado, tornando o subjetivismo uma desculpa para ocultar a inexistência de base empírica nos projetos.

A arquiteta também criticou o aumento no número de arquitetos, resultando em profissionais desempregados e fazendo com que o mercado se ressentisse de profissionais treinados. Esse aumento originou-se de esforços da própria classe para ampliar seus quadros, "a democratização da arquitetura visando o bem social não só existiria, como passaria por uma solução quantitativa. Se a intenção foi essa, a consequência consistiu na abertura de mais de trinta escolas de arquitetura e



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

urbanismo, em menos de dez anos" (FICHER, set. 1988, PROJETO n. 114, p. 138).

Nessa mesma edição, anunciou-se o lançamento do concurso para TFGs Opera Prima, promovido pela própria revista, a ABEA e a Fadamac, nascido para "resgatar e divulgar os mais expressivos trabalhos de graduação realizados pelas faculdades e escolas de arquitetura do Brasil" (PROJETO, set. 1988, n. 114, p. 154). A premiação anual contava com a participação de trabalhos de graduação integrados ou interdisciplinares, trabalhos de diplomação ou o último trabalho de projeto do curso. A motivação do Opera Prima era a valorização do TFG e promoção da análise e debate sobre a qualidade do ensino de arquitetura brasileiro e sua avaliação (PROJETO, jun. 1989, n. 122, p. 103).

O aumento no número de arquitetos voltou a ser discutido em 1991. Pirondi (fev. 1991, PROJETO n. 138, p. 10), na época vice-presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil de São Paulo (IAB/SP), avaliava que o surgimento de muitas novas escolas nos últimos 20 anos foi propiciado pelo aumento populacional e pelo acordo MEC/USAID, popularizando assim o ensino de arquitetura e ao mesmo tempo revelando o despreparo para o ensino artístico com público numeroso. Para o arquiteto, as escolas estavam surgindo num período de exceção e falta de liberdade, no qual o mais importante era cumprir as cargas horárias e os requisitos básicos do MEC.

Os exames de proficiência

Ainda em 1991, entraram em pauta tanto na revista Projeto, quanto no Caderno 2 da ABEA, textos de arquitetos com diferentes posições sobre os exames de proficiência. Volkmer (out. 1991, PROJETO n. 146, p. 146), coordenador da assessoria para legislação profissional do IAB/DN na época, colocou a crise no ensino universitário como consequência da má formação, da educação de massa, da escassez de recursos para o ensino superior, da privatização das universidades públicas e da expansão desordenada do mercado de trabalho. Para ele o Exame de Ordem era inviável no Brasil tanto na prática quanto na legalidade, e o Exame de Estado já estava subdividido em vestibular e nos exames de cada disciplina, uma vez aprovado nestas etapas o estudante estaria diplomado e o seu registro profissional não poderia ser negado.

Meira (out. 1991, PROJETO n. 146, p. 146-147), presidenta da ABEA entre 1990 e 1992, mostrava-se contra os exames de proficiência, pois era necessário resgatar a valorização dos processos educacionais fundamentais, uma vez que o projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) definiu que o registro do diploma concedido pelas instituições de ensino superior qualifica ao exercício profissional. "Não é em si o valor do diploma, numa sociedade de bacharéis, que está em



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

debate, mas sim os processos educacionais que estão sendo desqualificados por grupos que se julgam melhores do que o "produto" que deles resulta [...] o que está em julgamento é a universidade brasileira". A arquiteta questionou que se o aluno é avaliado sempre por um grupo significativo de profissionais, seus professores, como poderia este ser rejeitado ao final? Ainda enfatizou que:

A educação é um processo contínuo e por isso mesmo ninguém é totalmente capaz, absolutamente sábio no seu metier quando este se inicia. É impossível comparar o domínio profissional de um jovem recém-formado com o de um profissional maduro no seu exercício. Este "apreendeu", ao longo do tempo depurou o saber, aprofundou seu conhecimento (MEIRA, out. 1991, PROJETO n. 146, p. 147).

Entretanto, Del Rio (out. 1991, PROJETO n. 146, p. 147) enxergou os exames de proficiência como mais um mecanismo de defesa para os "consumidores" e que faria com que poucos quisessem estudar numa escola em que o diploma não serviria no exercício profissional, trazendo assim novas estruturas de avaliação e responsabilidade.

A importância do trabalho de graduação e do concurso Opera Prima

Ainda no final de 1991, publicou-se no Caderno 6 da ABEA, o modelo da proposta de TFG da ABEA para o relatório final do V CONABEA, o qual se dispôs do seguinte modo:

- Objetiva avaliar as condições de qualificado formando para acesso ao exercício profissional;
- Trabalho individual a ser desenvolvido pelos alunos prováveis concluintes (formandos) em 1 (um) semestre prorrogável por mais um semestre, à critério do aluno e do orientador;
- Trabalho a ser realizado após a aprovação do estudante em todas as disciplinas do currículo pleno (obrigatórias, optativas e eletivas);
- Trabalho que deve ser realizado pelo aluno formando com o apoio de um professor orientador escolhido pelo estudante entre os professores arquitetos do(s) departamento(s) profissionais;
- Trabalho a ser apresentado e submetido a banca da avaliação que conte com participação externa à Instituição à qual o estudante e orientador pertencem;
- O tema deverá ser de livre escolha por parte do aluno com apoio de seu orientador, e deve estar relacionado com as atribuições profissionais do arquiteto e urbanista (ABEA, s/d a, p. 20).

Em agosto de 1992, a revista Projeto divulgou que seria discutido o trabalho de graduação no Seminário Nacional sobre Critérios de Avaliação da ABEA, propondo-o como uma alternativa para dispensar o Exame de Ordem e o Exame de Estado. A proposta colocou que trabalho final de graduação seria apresentado e submetido a uma banca de avaliação com a participação externa à instituição do aluno (PROJETO, ago. 1992, n. 155, p. 80). De fato, o trabalho de graduação foi discutido no Seminário e passou a representar a luta contra a criação dos exames de proficiência. Nesse Seminário, o trabalho de graduação foi considerado um instrumento que aproximava o formando da carreira profissional e uma forma de recuperação das unidades programáticas de disciplinas, recomendando os seguintes pontos para o debate no Caderno 11 da ABEA:



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

- verificação do sistema utilizado para definição dos temas: escolha do aluno, escolha do orientador ou escolha de uma comissão específica;
- verificação da frequência dos temas escolhidos;
- verificação da adequação dos temas ao projeto didático-pedagógico quanto à natureza teórica ou projetual;
- verificação do método de orientação utilizado: orientador único, comissão de orientação ou orientador responsável com consultor especialista;
- verificação do sistema de escolha do orientador: pelo aluno, pela comissão específica ou pela gestão do departamento;
- verificação do método utilizado para o desenvolvimento dos trabalhos: grupo ou individual;
- verificação do sistema de escolha da banca de avaliação: pela coordenação do curso, pelo orientador ou pelo aluno;
- verificação do tempo estipulado para o desenvolvimento do TFG;
- existência de avaliações parciais do desenvolvimento do TFG;
- existência de bancas de avaliação final constituídas por membros do corpo docente, especialistas convidados e/ou arquitetos externos à instituição;
- verificação da existência de reflexão teórica, explicitação metodológica, referência projetual e bibliográfica utilizada;
- existência de apresentação oral pelo aluno frente à banca de avaliação;
- verificação dos critérios utilizados para a avaliação do TFG, tais como: criatividade, originalidade, representação, expressão, pesquisa e relevância social;
- existência de mecanismo de avaliação contínua, pelo corpo docente, dos resultados obtidos no TFG ao fim de cada período;
- estimular a preservação e a publicação integral do trabalho Ópera Prima (ABEA, s/d b, p. 54).

Pouco antes da implementação obrigatória do TFG, a revista publicou uma série de entrevistas e textos na edição 177 sobre o ensino de arquitetura. A entrevista com Kalil (ago. 1994, PROJETO n. 177, p. 87-88), o então presidente da ABEA, colocou que trabalho da entidade se concentrava para que a faculdade tivesse um patamar mínimo de qualidade, e na construção de um inventário de banco de dados das escolas para uma auto-avaliação e cotejamento. Ainda de acordo com o arquiteto, a ABEA criou referenciais com dados de escolas conceituadas, como a USP e a Santa Úrsula, e também colocou o concurso Opera Prima como referencial, o qual havia apontado um distanciamento dos temas sociais com a ausência de trabalhos nessa temática. O padrão que deveria ser adotado por todas as escolas, segundo o arquiteto, era o da qualidade dos laboratórios e do corpo docente, pois não havia como obter um padrão de avaliação dos cursos devido às diferenças regionais, onde cada escola poderia ter um padrão em determinada área.

Kalil (ago. 1994, PROJETO n. 177, p. 87-88) ainda citou a privatização do ensino com o "boom" de escolas particulares na primeira metade da década de 1990, passando de 17 públicas e 2 particulares para 26 públicas e 41 particulares. Sobre os novos cursos, o arquiteto discordou da abertura destes não por serem novos, mas por não conseguir ver os critérios adotados na sua criação, cabendo ao



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

governo fiscalizar o ensino e a prática dele.

Na mesma edição, Corona-Martínez (ago. 1994, PROJETO n. 177, p. 89-90), professor na Universidade Belgrano na época, abordou os problemas de ensino com foco na influência da mídia:

[...] Nosso ensino está sempre associado ao que é dado pelas revistas que refletem a atualidade arquitetônica.

A afinidade ou proximidade entre publicação e projeto do aluno tem um estranho efeito: cada aluno se faz discípulo artesanal de um mestre, mas este quase nunca é seu professor visível. É um arquiteto famoso, geograficamente distante, que nunca terá notícias de seu discípulo. O professor real se torna um ser intermediário nessa estranha relação do aluno com seu mestre ausente. Ele verifica que a imitação seja aceitável e é aceito pelo aluno se compartilha sua respeitosa admiração pelo mestre.

Já Meira (ago. 1994, PROJETO n. 177, p. 91-92), em 1994 como presidente da Comissão de Especialistas de Ensino de Arquitetura e Urbanismo (CEAU), listou diferentes problemas no ensino de arquitetura, criticando também a facilidade na abertura de cursos por sua implantação "barata" com a visão de que necessitava-se apenas de uma sala com pranchetas, alunos, professor e "boas ideias". Ainda ressaltou a importância em se trabalhar com o acervo do Opera Prima na análise dos temas relevantes nas escolas, podendo assim observar a omissão do aprendizado em determinadas áreas.

Marinho (ago. 1994, PROJETO n. 177, p. 97-98), professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 1994, por sua vez, abordou o Opera Prima como um termômetro, servindo para levantar pontos de discussão e avaliação de tendências e desejos, e motivar o debate de procedimentos e pressupostos pedagógicos. Para o autor, a premiação colocava a escola à prova e revelava o predomínio de uma tendência que poderia reconhecer a constituição da escola na unidade de concepções de uma geração. O arquiteto percebeu os trabalhos de graduação como o procedimento escolar mais próximo da prática profissional, pretendendo-se neles oferecer o espaço de aplicação e conjunção das experiências vividas e conhecimentos acumulados no curso. Dessa maneira, e cruzando suas constatações sobre o Opera Prima e os trabalhos de graduação, o horizonte de ambos dependiam substancialmente de seu poder de interferir em velhas engrenagens que resistiram às mudanças curriculares formais (MARINHO, ago. 1994, Projeto n. 177, p. 98). O arquiteto assim, constatou a influência do trabalho de graduação no curso de arquitetura:

A expectativa de formulação, por parte do corpo discente, de um projeto conceitualmente consistente, tecnicamente aprofundado e ousado no desafio à sua formação profissional é que poderá ser o gerador de um efeito cascata, repercutindo nas disciplinas antecedentes, na complexificação do nível do exercício e no relacionamento com conhecimentos outros até então apresentados de forma segmentada, secundarizada em disciplinas entendidas como "de outras áreas" (MARINHO, ago. 1994, PROJETO n. 177, p. 98).

Nesse mesmo ano, em outubro de 1994, no XII ENSEA, a ABEA (1995a, p. 71-72) recomendou para a consideração do TFG os seguintes itens:

- 1) Caminhar para um consenso em que o Trabalho Final de Graduação será individual. Há ainda posições



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

divergentes quanto ao tema livre x tema dado quanto ao caráter prático x caráter teórico do produto final;

- 2) Reafirmar a importância do Trabalho Final de graduação como alternativa à implantação do Exame de Ordem preservando a autonomia das escolas nesta questão, e também como forma de avaliação da qualificação para a vida profissional;
- 3) Encaminhar a preocupação de que as escolas não definam seu Trabalho Final de Curso visando o Concurso Ópera prima;
- 4) Recomendar à ABEA a exigência de trabalhos individuais ao Concurso Ópera prima;
- 5) Valorizar a participação de professores de outras escolas nas Bancas dos Trabalhos Finais de Cursos e/ou de profissional arquiteto atuante na sociedade;
- 6) Retomar as disposições do projeto de revisão do Currículo Mínimo quanto à orientação do Trabalho Final de Graduação, valorizando e estimulando a atuação de co-orientadores, apoiando temas específicos e áreas especializadas de desenvolvimento nos trabalhos de alunos;
- 7) Recomendar a defesa pública dos trabalhos Finais de Graduação.

Dois meses depois chegou a então regulamentação do trabalho de graduação, conformado pelas Diretrizes Curriculares instituídas pela Portaria nº 1.770, de 21 de dezembro de 1994:

Art. 6º - Será exigido um Trabalho Final de Graduação objetivando avaliar as condições de qualificação do formando para acesso ao exercício profissional. Constitui-se em trabalho individual, de livre escolha do aluno, relacionado com as atribuições profissionais, a ser realizado ao final do curso e após a integralização das matérias do currículo mínimo. Será desenvolvido com o apoio de professor orientador escolhido pelo estudante entre os professores arquitetos e urbanistas dos departamentos do curso e submetido a uma banca de avaliação com participação externa à Instituição à qual estudante e orientador pertencem (BRASIL, 1994).

A profissão de arquiteto como mito

Em 1995, Ficher (mai. 1995, PROJETO n. 185, p. 77-80) criticou a ideia da profissão de arquiteto como um mito, originado com o surgimento do ensino institucional que enfatizava o caráter estético e formal, com arquitetos de renome, enaltecendo os valores ideológicos e políticos e esquecendo os econômicos. Segundo a arquiteta, isso ocorreu porque sempre tivemos um mesmo modelo de ensino herdado da tradição Belas Artes, centrado no treinamento para a execução de projetos como obras monumentais independente do programa. Ainda de acordo com a arquiteta, essa orientação ainda predominava no ensino com as práticas de ateliê e um corpo teórico centrado nas próprias obras, preservando assim o mito que nos prendeu à concepção de ensino que o criou. A autora previu que:

Em outras palavras, continuaremos a pensar a profissão de arquiteto como atividade liberal, voltada para a produção de projetos arquitetônicos e urbanísticos monumentais e de exceção, e seu ensino continuará centrado na formação deste indivíduo que deve - sem contato com outras formas de conhecimento que não aquelas constituídas em torno do próprio projeto arquitetônico monumental - encontrar soluções milagrosas para os problemas complexos que são hoje colocados no quadro da urbanização e da dilapidação do meio ambiente natural e artificial (FICHER, mai. 1995, PROJETO n. 185, p. 80).

3 A AUSÊNCIA DAS DISCUSSÕES DO ENSINO ARQUITETURA NA REVISTA PROJETO

Ainda em 1995, houve a última edição do Opera Prima em parceria da revista Projeto com a ABEA e Fadamac. "Com a mudança de proprietários da Revista Projeto, houve problemas nas negociações e a



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

Projeto apresentou documentos que exigiam da ABEA e da FADEMAC, abrir mão da marca e dos direitos, quebrando a boa convivência existente entre os três parceiros" (ABEA, 1995b, p. 46). Dessa maneira, a premiação passou a se chamar Concurso Paviflex e a ter a revista AU como meio de divulgação a partir de 1996, mantendo a ABEA e a Fademac na parceria até 2000. Nos anos de 2001 e 2002, o IAB/DN assumiu a coordenação no lugar da ABEA, e em 2003 o concurso retornou à revista Projeto, já como Projeto Design e com a Braskem como patrocinadora entre os anos de 2004 e 2010.

Sem grandes discussões, na revista Projeto já sob a nomeação de Projeto Design, em outubro de 2000, colocou-se uma nota divulgando que a FAU/USP discutiu o ensino de projeto no 1º Seminário Internacional sobre Ensino de Projeto do Ambiente Construído. Esse Seminário "debateu os problemas do ensino da profissão no Brasil, agravados desde que, em 1996, as universidades ganharam autonomia para estabelecer os próprios currículos" (PROJETO DESIGN, out. 2000, n. 248, p. 26). Se os problemas do ensino se agravaram a partir de 1996, por que estas intensas discussões ausentaram-se do periódico após 1995?

Em março de 2001, também ocupando um espaço não muito expressivo, publicou-se uma entrevista com Contier, vice-presidente da ABEA na época, o qual reforçou a necessidade de uma melhor qualificação dos profissionais e cursos. Posteriormente, em setembro de 2002, a discussão foi o Provão, apresentando críticas variadas de docentes, estudantes e representantes do IAB e da ABEA. A partir daí as discussões saíram de cena do periódico, e apesar da contínua divulgação de concursos para estudantes, um exercício de grande valor, só foram encontradas novas informações referentes às condições do ensino em fevereiro de 2003, com a divulgação do desempenho geral das escolas de arquitetura e urbanismo no Provão. Também em setembro de 2006, com o desempenho da arquitetura no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE).

Entretanto, as discussões não esgotaram-se, pelo contrário, entre 1998 e 2006 de acordo com Monteiro (2013, p. 100), a ABEA travou intenso debate e negociação com o relator das Diretrizes sobre as novas Diretrizes Curriculares, uma aprovada em 2006 e outra em 2010. Segundo a autora, "sem consultar qualquer órgão ou entidade vinculada ao ensino de Arquitetura e Urbanismo, o CNE, motivado por uma ação trabalhista, propôs alterações indesejáveis ao Trabalho Final de Graduação - TFG, flexibilizando aspectos essenciais". Ainda de acordo com a autora, essa discussão sobre as modificações e atualizações necessárias das Diretrizes Curriculares continua presente nas reuniões da diretoria da ABEA, pretendendo realizar novos eventos para construir uma legislação com os envolvidos na área do ensino de arquitetura e urbanismo atendendo às atuais necessidades.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Lara (2003), o final dos anos de 1980 revelou um crescimento significativo da arquitetura de interiores, indagando se essa ênfase seria um reflexo da crise econômica ou de uma tendência mais duradoura com redefinições no campo de trabalho. "Aquilo que é valorizado pelos arquitetos e, conseqüentemente, publicado (ou seria o contrário?) muda significativamente no início dos anos 1990" (LARA, 2003). Sob esse contexto, o autor relatou que a revista passou por uma grande reforma editorial na segunda metade da década de 1990, na qual deu-se maior ênfase ao design, projetos de interiores e espaço aos grandes escritórios, diminuindo a área dedicada à crítica e deixando mais tênue a relação entre a revista e as entidades de classe como o IAB, CREA e ABEA. Para Lara (2003), a revista "acompanha as transformações por que passa a profissão, tornando-se ao mesmo tempo mais diversificada em termos de atividades e também mais individualista, mais fragmentada".

As discussões sobre o ensino de arquitetura ficaram perdidas após 1995, e o cenário do ensino de arquitetura e urbanismo ficou ressentido de um periódico de grande repercussão nacional que publicasse a situação e críticas ao ensino. Sua importância era evidente, pois fornecia um fácil acesso a essas discussões, sem que tivesse que se procurar necessariamente em meios acadêmicos ou nos próprios Cadernos da ABEA, deixando a par dos acontecimentos na área todos, do estudante recém chegado à universidade ao arquiteto mais experiente. Evidentemente que, apesar da ausência de publicações sobre o ensino de arquitetura pela revista Projeto após 1995, as discussões sobre o ensino não acabaram e nem tão pouco atingiu-se o ensino de excelência. Principalmente, se levarmos em consideração as publicações dos Cadernos da ABEA, os quais publicaram trabalhos de experiências com o TFG nas escolas intensamente durante toda a década de 1990.

A expansão do ensino superior, os trabalhos de graduação, os exames de proficiência, o Opera Prima e a repetição de modelos de obras monumentais em projetos, foram as temáticas mais publicadas pela revista. Abordadas há mais de 20 anos atrás, por diferentes arquitetos que ocuparam diferentes funções dentro do contexto acadêmico, estes temas continuaram presentes no decorrer dos anos e fortemente discutidos em outras pesquisas por diferentes autores nos anos 2000, focadas na importância e origens do TFG. Ao compararmos essas antigas questões com as discutidas na atualidade, observou-se uma situação quase que estática ou até mesmo pior em alguns pontos.

O resgate das ideias presentes nos textos levantados, comparadas ao que temos no presente, vislumbra caminhos para o futuro. Revelou-se assim a importância no conhecimento dos debates

ocorridos sobre o ensino de arquitetura e urbanismo e sua atualização no sentido de apresentar traços de avanços, retrocessos e, principalmente, a partir disso caminhar para a obtenção de um ensino de excelência na área da arquitetura e urbanismo.

A principal crise de nossas universidades é a do pensamento. Temos repetido as mesmas discussões e pesquisas já demonstradas em diferentes meios, até mesmo não acadêmicos como o próprio periódico estudado, voltando sempre às mesmas questões. Esse tipo de resgate auxiliou não apenas na compreensão da evolução das discussões sobre o ensino, como também pode ajudar a impedir constantes repetições tanto dos problemas já revelados quanto das soluções já propostas.

4 REFERÊNCIAS

ABEA. Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo. Boletim ABEA - Ensino de arquitetura em debate no Recife. Revista Projeto. São Paulo: Projeto Editores Associados, n. 103, p. 76-80, set. 1987.

ABEA. Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo. Boletim ABEA - Encontro propõe fórum permanente de defesa do ensino de arquitetura. Revista Projeto. São Paulo: Projeto Editores Associados, n. 105, p. 68, nov. 1987.

ABEA. Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo. In: REUNIÃO DO CONSELHO SUPERIOR DA ABEA, 12., ENCONTRO NACIONAL SOBRE ENSINO DE ARQUITETURA, 10., CONGRESSO NACIONAL DA ABEA, 5., 1991, Niterói. Anais... [S.l.]: ABEA, Caderno 6, p. 20, s/d a.

ABEA. Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo. In: SEMINÁRIO NACIONAL: CRITÉRIOS PARA AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO DO ARQUITETO E URBANISTA, 1992, Belo Horizonte. Anais... Rio de Janeiro: ABEA, Caderno 11, p. 54, s/d b.

ABEA. Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE ENSINO DE ARQUITETURA, 12., 1994, Belém. Anais... Salvador: ABEA, Caderno 15, p. 71-72, 1995a.

ABEA. Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABEA, 7., ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE ARQUITETURA, 13., MOSTRA DA PRODUÇÃO DE ALUNOS DE ARQUITETURA E URBANISMO, 3., 1995, Brasília. Anais... Salvador: ABEA, Caderno 17, p. 46, 1995b.

ABEA. Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo. Primeiros cadernos. 2014. Disponível em: <http://www.abea.org.br/?page_id=730>. Acesso em: 04 fev. 2015.

ARCIPRESTE, C. M. Entre o discurso e o fazer arquitetônico: reflexões sobre o ensino de arquitetura e urbanismo e seus referenciais a partir do trabalho final de graduação. 2012. 287 p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BRASIL. Ministério da Educação. Ministério da Educação e do Desporto. Portaria Ministerial nº 1.770, de 21 de dezembro de 1994. Fixa as diretrizes curriculares e o conteúdo mínimo do curso de graduação em arquitetura e urbanismo.

CARON, J. O. Ensaio & Pesquisa - Notas para um projeto de ensino de arquitetura. Revista Projeto. São Paulo: Projeto Editores Associados, n. 99, p. 98-100, mai. 1987.

CORONA-MARTÍNEZ, A. Ensaio & Pesquisa - Alunos de quem? A arquitetura dentro e fora das escolas. Revista Projeto. São Paulo: Arco, n. 177, p. 89-90, ago. 1994.

DEL RIO, V. Profissionais discutem os problemas da formação: em defesa do exame profissional. Revista Projeto. São Paulo: Projeto Editores Associados, n. 146, p. 147, out. 1991.



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

FAYET, C. M. Jornal projeto - O que é necessário para um novo ensino de arquitetura. Revista Projeto. São Paulo: Projeto Editores Associados, n. 111, p. 145-146, jul. 1988.

FICHER, S. Ensaio & Pesquisa - Ensino, documentação e pesquisa. Revista Projeto. São Paulo: Projeto Editores Associados, n. 114, p. 135-140, set. 1988.

FICHER, S. Ensaio & Pesquisa - Mitos e perspectivas: profissão de arquiteto e ensino de arquitetura. Revista Projeto. São Paulo: Arco, n. 185, p. 77-80, mai. 1995.

GUTIERREZ, E. J. B. A Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e os seus primeiros tempos (1973-1985). In: MONTEIRO, A. M. R. de G. et al; GUTIERREZ, E. J. B. (Org.). A construção de um novo olhar sobre o ensino de arquitetura e urbanismo no Brasil: os 40 anos da associação brasileira de ensino de arquitetura e urbanismo. Brasília: ABEA, p. 18-57, 2013.

KALIL, I. Ensaio & Pesquisa - Escolas de arquitetura: a qualidade não se mede com estrelas. Revista Projeto. São Paulo: Arco, n. 177, p. 87-88, ago. 1994.

LARA, F. 25 anos de arquitetura brasileira em revista. ARCO. Publicado originalmente em Revista Projeto Design. São Paulo: Arco, n. 275, jan. 2003. Disponível em: <<http://arcoweb.com.br/projetodesign/artigos/artigo-25-anos-de-arquitetura-brasileira-em-revista-01-01-2003>>. Acesso em: 22 mai. 2015.

MARINHO, G. Ensaio & Pesquisa - Ópera Prima: ensino, projeto e premiação em arquitetura. Revista Projeto. São Paulo: Arco, n. 177, p. 97-98, ago. 1994.

MEIRA, M. E. Profissionais discutem os problemas da formação: Exame de ordem, a universidade em julgamento. Revista Projeto. São Paulo: Projeto Editores Associados, n. 146, p. 146-147, out. 1991.

MEIRA, M. E. Ensaio & Pesquisa - Da forma ao conteúdo: a educação de arquitetos e urbanistas no Brasil. Revista Projeto. São Paulo: Arco, n. 177, p. 91-92, ago. 1994.

MELENDEZ, A. PROJETO DESIGN: 25 anos ou 30 anos de revista? ARCO. Publicado originalmente em Revista Projeto Design. São Paulo: Arco, n. 275, jan. 2003. Disponível em: <<http://arcoweb.com.br/projetodesign/memoria/projetodesign-revista-nasceu-10-01-2003>>. Acesso em: 22 mai. 2015.

MONTEIRO, A. M. R. de G. A atuação da Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura na consolidação de um ensino de arquitetura e urbanismo de qualidade (2000-2010). In: MONTEIRO, A. M. R. de G. et al; GUTIERREZ, E. J. B. (Org.). A construção de um novo olhar sobre o ensino de arquitetura e urbanismo no Brasil: os 40 anos da associação brasileira de ensino de arquitetura e urbanismo. Brasília: ABEA, p. 92-136, 2013.

PEREIRA, M. Jornal projeto - Os cursos de arquitetura e os trabalhos de graduação. Revista Projeto. São Paulo: Projeto Editores Associados, n. 99, p. 128, mai. 1987.

PIRONDI, C. Análise - O ensino de arquitetura e nossa herança futura. Revista Projeto. São Paulo: Projeto Editores Associados, n. 138, p. 10, fev. 1991.

PROJETO. Informativo ABEA - Opera Prima, um concurso para formandos em arquitetura. Revista Projeto. São Paulo: Projeto Editores Associados, n. 114, p. 154, set. 1988.

PROJETO. Paviflex apresenta concurso Opera Prima - Premiação 88. Revista Projeto. São Paulo: Projeto Editores Associados, n. 122, p. 101-166, jun. 1989.

PROJETO. Ensino - Encontro da ABEA discutirá trabalhos de graduação. Revista Projeto. São Paulo: Projeto Editores Associados, n. 155, p. 80, ago. 1992.

PROJETO DESIGN. FAU/USP discute ensino de projeto. Revista Projeto Design. São Paulo: Arco, n. 248, p. 26, out. 2000.

VOLKMER, J. A. Profissionais discutem os problemas da formação: graduação, exame de ordem ou exame de estado? Revista Projeto. São Paulo: Projeto Editores Associados, n. 146, p. 146, out. 1991.